

DA FORMAÇÃO INICIAL À INSERÇÃO PROFISSIONAL DOS/AS ALUNOS/AS INDÍGENAS DOS CURSOS DE CIÊNCIAS SOCIAIS E HISTÓRIA EM SUAS COMUNIDADES

Instituição: UEMS – Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul

Área temática: Ciências Humanas/Educação

SANTANA, José Felipe da Silva¹ (felipesantanapd@gmail.com);

LANDA, Beatriz dos Santos² (bialanda@uems.br)

RESUMO:

Os povos no Brasil, mesmo após 520 anos da chegada dos europeus em terras habitadas somente por índios no século XV, continuam completos desconhecidos da população brasileira. Poucos sabem os dados apresentados pelo Censo de 2010 que apontou 305 povos localizados em todos os estados do território nacional, que falam 274 línguas nativas. Por meio da Lei Estadual n. 2589, de 26/12/2002 iniciou-se o ingresso de indígenas na UEMS por meio das cotas. Esta pesquisa teve como objetivo compreender as trajetórias acadêmicas de indígenas nos cursos de Ciências Sociais e História, e como foi permanência até a conclusão do curso. Foram colhidos os dados de 2015 até 2019 destes cursos por meio das atas finais de resultados que apresentam as notas obtidas por todos/as os/as aluno/as nas disciplinas cursadas em cada ano/semestre letivo. Estes dados foram digitados e analisadas as trajetórias dos indígenas comparando-os individualmente e, em determinado momento, com toda a sala, com os não cotistas e cotistas negros/as. O quantitativo de alunos indígenas que entrou na 1ª série em 2015 no curso de História foram 7 ingressantes e identificou-se que somente 1 chegou até a 4ª série em 2019 representando 14,28% do total que começou o curso em 2015. Esse único indígena que chegou até a última série, não tirou nenhuma nota abaixo da média no curso. Percebeu-se também que os alunos indígenas não apresentam notas altas nos primeiros anos, no entanto, quando avançam nas séries do curso melhoram gradativamente na 3ª e 4ª série do curso. Esta é uma constatação tanto para o curso de História, como nas Ciências Sociais. Já no curso de Ciências Sociais, dos 11 alunos indígenas que ingressaram em 2015, somente quatro avançaram até a 4ª série, representando 36,3% do total. Assim como ocorre no curso de História esses estudantes indígenas não tiraram nenhuma nota abaixo da média, e em algumas disciplinas obtiveram notas superiores que os não cotistas e cotistas negros, demonstrando que é equivocada a afirmação de que os cotistas diminuiriam a qualidade dos cursos nos quais ingressam. Observou-se também que quando obtém notas muito abaixo da média, ocorre o mesmo com os não cotistas e com cotistas negros/as, e por representarem neste turma um número maior estes dois últimos segmentos ficam abaixo na média geral. De forma geral, os estudantes indígenas nestes dois cursos apresentam notas médias que permitem avançar para a série seguinte, mas em determinadas disciplinas obtém resultados acima da média em relação aos demais colegas. Estudos demonstrando a efetividade das ações afirmativas nas universidades públicas devem continuar para que sejam implementadas políticas institucionais e públicas que garantam não somente o ingresso, mas a conclusão dos cursos por parte deste segmento de maneira qualificada.

PALAVRAS-CHAVE: Educação Superior para Indígenas, Educação e Trajetória acadêmica

AGRADECIMENTOS: Agradeço o apoio do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica-PIBIC/UEMS